

Resenha

CAMARGO, Ana Maria Faccioli & RIBEIRO, Cláudia. *Sexualidade(s) e infância(s): A sexualidade como um tema transversal*. Coordenação de Ulisses F. Araújo. São Paulo: Moderna; Campinas, SP: Editora da Unicamp, 1999 (Coleção Educação em pauta: temas transversais). 144 p.

Sexualidade é uma daquelas *Certas palavras* a que Drummond se refere no seu poema, usado muito oportunamente como epígrafe pelas autoras do livro *Sexualidade(s) e infância(s)*.

Certas palavras não podem ser ditas
Em qualquer lugar e hora qualquer
Estritamente reservadas
para companheiros de confiança,
devem ser sacralmente pronunciadas
em tom muito especial
lá onde a polícia dos adultos
não adivinha nem alcança.

Entretanto são palavras simples:
Definem
partes do corpo, movimentos, atos
do viver que só os grandes se permitem
e a nós é defendido por sentença
dos séculos.

E tudo é proibido. Então, falamos!

É sintomático que no Brasil, onde o tema da sexualidade é tão intensamente exposto na mídia, sob a forma de gracejos e exploração comercial, ele seja tão pouco estudado como um elemento importante da vida humana. Em muitas famílias, embora ele esteja escancarado nas maliciosas alusões televisivas que invadem as casas, é como se não existisse,

já que pouco se fala sobre assuntos como a relação sexual, o uso de preservativos, o homossexualismo, a virgindade, a masturbação, a gravidez na adolescência, a aids, a violência e o assédio sexual. A incidência dos discursos é redundante nas proibições sobre o uso de determinadas roupas, expressões consideradas de baixo calão, ou imposições de horários de chegada em casa, sem maiores esclarecimentos. A relação com a temática é de atração e repulsa, prolixidade e silêncio. Transformado em tema transversal e dessa forma incluído nos currículos do Ensino Fundamental e Médio e nos Parâmetros Curriculares Nacionais, permanece ausente do debate nos meios educacionais, ignorado ou temido por seus profissionais. Assunto dos recreios, banheiros ou corredores, na maioria das salas-de-aula, continua sendo *fruto proibido* e objeto de fiscalização e controle: são revistas, desenhos e bilhetes confiscados, abordagens evitadas, palavras que ficam flutuando no ar, não ditas, (mal)ditas, (des)ditas ou sacramentadas.

Abordando uma temática que envolve ao mesmo tempo tanto a atração como a rejeição, restrições, temores e curiosidades, o livro *Sexualidade(s) e infância(s)* constitui excelente opção para todos que, de uma forma ou de outra, estejam envolvidos com a educação. Sua leitura, ao invés de uma obrigação, se tornará, com certeza, um prazer, pois, apesar de tratar de assuntos muito complexos e polêmicos, o faz de uma maneira atraente, significativa, problematizadora e não dogmática. Seus exemplos saem de cenas do cotidiano das salas-de-aula do ensino infantil e fundamental ou de relatos de suas professoras. São reais e ao mesmo tempo simbólicos, instigantes, provocativos, emocionantes. Emergem da prática reflexiva de duas profissionais com profunda experiência na área educacional. Ana Maria Faccioli de Camargo e Cláudia Ribeiro, autoras do livro, pertencem ambas ao “Grupo de Estudo Interdisciplinar em Sexualidade Humana”, (GEISH), da Unicamp. Ana Maria, professora do Departamento de Metodologia de Ensino da Faculdade de Educação dessa universidade, é coordenadora do GEISH, editora da revista *Entretextos e entresexos* e autora da obra *A aids e a sociedade contemporânea: estudos e histórias de vida* (Letras e Letras). Cláudia é doutora pela Faculdade de Educação da Unicamp, professora de Metodologia de Educação Infantil e Ensino Fundamental da Universidade Federal de Lavras (MG) e autora da obra *A fala da criança sobre sexualidade humana: o dito, o explícito e o oculto* (Mercado de Letras).

2 O livro é dirigido a educadores e educadoras que lidam com crianças e parte do pressuposto de que a sexualidade é uma construção cultural, não representando apenas uma função biológica, marcada por conceitos como natural/ patológico, normal/anormal, função/disfunção. O seu objetivo não é produzir novas certezas, mas investigar as práticas culturais que têm instituído suas identidades e as possibilidades de questionamento do já

consagrado neste campo. Neste sentido, as autoras apresentam relatos de temas polêmicos na área da sexualidade, tanto por envolverem tabus e preconceitos, quanto pela dificuldade de abordá-los sem reproduzir concepções já cristalizadas no cotidiano social. Os temas curiosos e instigantes destacam-se pelos títulos dos próprios relatos contidos no livro, como: “Achava um bicho-de-sete-cabeças trabalhar com sexualidade nessa faixa etária”; “Havia alguns meninos que não participavam da maquiagem”; “Brincando de médico... o que iam pensar?” ou “Meninos bordando? Será?”.

Este último, escolhido para fazer parte do material disponibilizado no curso de gestores, é especialmente instigante e sugestivo, no sentido de apontar os mecanismos invisíveis que fazem com que na escola, como na sociedade, funcione um sistema de reprodução cultural e produção de massa que legitima sutilmente alguns estereótipos, tabus e padrões de comportamento sexuais e de gênero. O texto contém o relato de uma experiência vivida na *Escola Verde*, em São Paulo, onde foi desenvolvido um projeto sobre animais em extinção. Ao longo do projeto, as crianças se encantaram com o trabalho da mãe de uma delas, que ilustrava livros paradidáticos, utilizando bordados. O interesse das crianças foi tão grande que a artista foi convidada a promover uma oficina na escola, para entenderem como os bordados se transformavam em ilustrações. A oficina envolveu os animais em extinção, riscados em juta, em que, de acordo com a idade, as crianças ou bordavam ou colavam retalhos trazidos de casa. Foi um sucesso! Meninos e meninas se sentiram super à vontade com os bordados, as lãs, as linhas e as caixinhas de costura! Foi até montada uma coloridíssima “colcha de retalhos” com todos os animais em extinção representados pelos lunos. A dificuldade foi quando surgiu a idéia de fazer acontecer a oficina e expor a colcha em praça pública. O receio das crianças em enfrentar as gozações dos meninos maiores foi vencido com o apoio das professoras, que se recusaram a submeter-se a poderes e saberes que determinavam tradicionalmente que “bordado é coisa de mulher”. A coragem delas (crianças e professoras) resultou em uma belíssima atividade em que “dava gosto ver pai e filho; pai e filha; avó e neto; mãe e filhas; enfim... todos a bordar”, confirmando que “o processo educativo pode garantir o controle e manter os tabus ou quebrar esse poder circular, que funciona em cadeia” (CAMARGO e RIBEIRO, 1999, p.131)

O capítulo final do livro é, significativamente um “Enfim... não tem fim” que ilustra, mais uma vez, a ausência de *regimes de verdade* na abordagem dos temas, aliada à eficiente proposta de debate sobre os mesmos, pactuando com o sonho de Michel Foucault de um

Intelectual destruidor das evidências e das universalidades, que localiza e indica nas inércias e coações do presente os pontos fracos, as brechas,

as linhas de força; que sem cessar se desloca, não sabe exatamente onde
estará ou o que pensará amanhã, por estar muito atento ao presente;
que contribui, no lugar em que está de passagem...

¹ Carlos Drummond de Andrade, *A senha do mundo*. Rio de Janeiro: Record, 1997, p. 24 (Verso na Prosa e Prosa no Verso).

Prof.^a Ms. Maria Celeste de Moura Andrade